

**TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE
VI JORNADA DE ESTUDOS**

HISTÓRIAS DE TRANCOSO

Eugênia Menezes

Recife, agosto de 2002

EUGENIA MENEZES – TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS – VI CICLO DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

HISTÓRIAS DE TRANCOSO

Eugênia Menezes

I - A Procura

Por uma fatalidade, melhor dizendo, por um grande desmantelo, a mãe do escritor pernambucano Osman Lins morreu no dia de seu nascimento. Pode-se imaginar o impacto deste fato sobre o recém-nascido. Pode-se imaginar também quantos braços, quantas mãos o cuidaram, ele que nada dizia: avó, tias, primas e quem mais quisesse habilitar-se para o aconchego.

Apesar de tudo, apesar de tudo... Osman não conseguia disfarçar a ansiedade quando ouvia comentários a seu respeito: a boca é todinha a dela... vê só, os olhos azuis...a cor do cabelo... ele gosta muito de jardim. Aquelas palavras ressoavam em seu juízo, transformavam-se numa tela onde cuidadosamente traçava o contorno de um rosto, preenchia-o de um tom claro-suave e, como se lidasse com um pincel abençoado, ali depositava a boca carnuda, o nariz – o nariz era diferente do seu – os olhos, as sobrancelhas arqueadas. Nas mãos uma flor, uma dália amarela. Ouvira comentários sobre o alvoroço feito por sua mãe, quando os coelhos roeram as batatas das dalias. Mas, as dalias não morreram.

Por mais que ele treinasse para ter mãos leves e precisas, sempre algum vento malfazejo revolvava as pétalas com as quais trabalhara, tangendo-as para longe. Outras vezes, o rosto desenhado trincava como um cristal finíssimo, para em seguida desmoronar fragmentado. Mesmo assim, as pétalas continuavam pétalas e os cacos de cristal, cristal.

Aos seis anos Osman ganhou um quebra cabeça. Depois de familiarizar-se com as técnicas de montagem, chegou à conclusão de ser aquele o roteiro para construir seu caminho. Belas paisagens, a caravana de motos, o gato, a Madona e seu sorriso enigmático - este era um dos que mais gostava. Paisagens a perder de vista, ele com um pedaço azul em cada mão: um do lago, outro do céu. O céu agora está completo, chegou a peça que faltava. E é uma peça quase diáfana, assim clarinha, sedosa, macia. Será que um dia eu vou para o céu?

As peças, ali, engatavam-se umas nas outras, abraçadas, seguras, sobre a mesa da sala de jantar. A menor, pois a maior é para se fazer refeições. E ali não havia o perigo dos ventos, pois a janela vivia fechada por conta do cheiro dos currais. Mas, e o gato? O gato costumava afiar as unhas naquela mesa, onde cochilava enroscado, os olhos azuis. Ele não poderia macerar aquelas peças nem aquele todo, seria inaceitável. Bocejando, o gato nem percebe o valor daquilo

EUGENIA MENEZES – TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS – VI CICLO DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

tudo, um tesouro. Depois de espreguiçar-se sem pressa, pula para um dos bancos laterais, lambendo a pata para lavar o rosto.

As falas sobre sua mãe diversificaram-se, a partir de um certo momento. A mãe deixava de ser um conjunto de traços e passava a ser uma história, um enredo. Falavam de suas roupas preferidas, costumes, afinidades, amizades, acontecimentos, e já podiam rir. A voz dispensava o tom penoso e baixo dos primeiros anos e o ar de privacidade. A mãe volta a ser uma pessoa de domínio público, falando-se nela sem o salvo-conduto da família, sem a avareza da dor. Para compor os painéis correspondentes a estas descrições, Osman desenvolveu artimanhas, ora fechando os olhos, ora arregalando-os, como se fossem de tamanho inadequado para caber o mundo.

Uma delas consistia em deitar-se de costas no lajedo grande, bem junto do curral, e olhar confiante para as nuvens passantes com sua forma vária: santos, carneiros, cachoeiras, algodão simplesmente e, agora sim, a Madona com sua cabeleira vasta, embora branca. Mas, tanto tempo passado, é assim que devem estar. Ou não? A blusa oscilava do rosa ao lilás, e o sol candente contornava de dourado a silhueta envolta num manto drapeado tão leve, tão leve, que parecia esgarçar-se rumo ao horizonte.

Quando veio para o Recife, Osman extasiou-se com as muito em moda Casas de Fotografia. As pessoas ali entravam, bem vestidas, com ar solene e sujeitavam-se a sessões demoradas: o rosto mais para lá, um pouquinho para cima, baixe a luz, respire fundo, não mexa. Com retoque ou sem retoque? Parte de seu tempo livre era empregado em admirar as vitrines com as mulheres formosas. Sua diligência tinha o ar de disfarçada procura. Primeira comunhão, formatura de professora, vestido de noiva...Embora algumas famílias costumassem fotografar seus mortos, não era comum expor tais retratos na vitrine. Mas disso Osman não sabia.

Osman Lins morreu em julho de 1978, sem satisfazer o desejo de ver uma foto de sua mãe, qualquer que fosse.

II – O Lapso

Dizem que os japoneses, quando viajam, não conhecem os países: fotografam. Nada de interação, culinária, curtição, êxtase. Quando voltam, revelam

seus filmes, sentam-se confortavelmente em casa, beliscam um peixinho cru, e vão conhecer o país visitado.

O Avô materno não gostou quando a neta convidou a Avó paterna para o passeio do colégio. –Eu todo dia vou buscá-los no Colégio e no dia do bem-bom vocês chamam sua Avó para a viagem! O neto veio em socorro dela: é porque Voinha mora longe e a gente sente saudade.

Preparativos, sacolas, guaraná da pequena, biscoito, esse não, é enjoado, toalha de mão, outra roupa, mesada. A travessia transcorreu em grande animação. –Eu pensava, Vó, que para estar em cima de uma serra precisava ir de avião. Eu estou subindo uma serra de verdade ou é jogo de viagem? Impaciente, a irmã: –Menino pequeno só diz besteira. Estamos na serra das Russas, por causa de duas moças que moravam aqui. O nome de uma era Russa, e da outra era como, Professora?

A Professora esfalfava-se para dar conta da fauna, da flora, dos hábitos e costumes, explicava as nomeações. Quando falou do mandacaru, xique-xique, facheiro, a neta estrilou: quando era pequena, minha avó estrepou-se num negócio desses e berrou como uma cabra, mas o irmão dela disse que era vacina contra todas as doenças e ela ficou feliz. Chorando, mas feliz.

Na parada para o lanche, uma cascata de rainha-do-prado escorria pela janela, uma explosão lilás. Muitas fotos, os netos dando gasto na máquina ganha no aniversário. O *flash* funcionando bem, um clarão adicional ao fogo do sol. Foto com a amiga, o amigo, a professora, o pinto que apareceu no terreiro, a avó, o cachorro do dono, o museu de Vitalino, bumba-meu-boi, oleiro trabalhando, o pé movimentando o torno, a turma da pintura, o boi enorme comprado pelo gerente para botar no Banco, carinho no gato dormindo, a feira de Caruaru.

A feira de Caruaru...

Todos eles observavam muito, perguntavam muito, riam muito. Quando a Vó deu ao neto um pássaro feito de pedras coloridas, ele o olhou, perplexo: nós dois gostamos de pedra, não é Vó? Levantou os olhos emocionados, as duas mãos espalmadas e disse: preciso de um lugar muito seguro para guardar este tesouro. Enquanto ela balançava a cabeça, rindo, ele acrescentou: que tal um cofre detrás de um quadro?

As pedras coloridas, o formato de pássaro, alguma coisa pré-existente selava um pacto naquele momento. O amarelo das craibeiras, os pendões-estandartes de cana, as pontes, as curvas, as bifurcações e as obrigatórias escolhas inscreviam-se com selo de permanência em suas vidas. Não sabiam, Avó e netos, que estavam construindo um patrimônio de visões, de sons e cheiros, de gestos e falas, a ser lembrado por pequenos códigos, referências veladas, associações, lembranças. Uma tatuagem.

Os adultos da família nunca perdoaram o fato de a máquina fotográfica não ter filme, um descuido imperdoável. Sempre lamentam, cobram, acusam.

EUGENIA MENEZES – TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS – VI CICLO DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

As crianças são pura alegria quando relembram a viagem. Nunca perguntaram ou sentiram falta das fotos.

III – A Prova

Aos oitenta e dois anos o Coronel Basto mandou-se para uma *tournée* com a filha mais nova. As agitações foram várias: cortou o cabelo, despediu-se dos conhecidos, levou uma mala vazia para trazer presentes. Prometeu muitas histórias na volta.

Os companheiros de viagem elogiavam sua disposição, seu bom humor, e, sobretudo, sua verve.

Em Buenos Aires o Coronel começou a pôr as unhas de fora. Como não entendia de câmbio, não podia concordar com o preço do cafezinho, da coca cola; não conseguia comprar presentes para os netos, bisnetos, afilhados, compadres e afins. Mas que terra danada é essa, dizia, que ninguém baixa o preço para vender? Acho que já estão todos ricos.

A Filha tentava contornar os desencontros, explicava tudo com calma, programava os passeios. Fez uma lista com os lugares que queriam ver, e entregou ao motorista de táxi. A cada parada o Coronel deixava-se fotografar com o ar cabível: sisudo no túmulo do general San Martín; um ar vadio quando sentava nas praças; um ar preocupado na frente da Casa Rosada; um jeito maroto em frente ao *River Plate*. Por gentileza, a Filha sugeriu que o motorista os levasse a um lugar de sua escolha, um lugar que ele amasse. Rápido ele os levou à sede do Boca Júnior, onde fez uma comovente declaração de amor a seu time. Tudo devidamente registrado, também os passeios rio acima, rio abaixo, no início da noite.

A volta foi um tanto melancólica. Sem presentes, mas o pior estava por vir: por um defeito no *flash*, os filmes revelados não passavam de fitas transparentes. Nenhum registro. Nenhuma marca. Nenhum momento. Uma cena desoladora. O Coronel proibiu a filha de dizer que tinham viajado, começou a espalhar que fora submetido a uma cirurgia, na qual quase morreu. O galã passou a convalescente, numa louvável representação. Recebeu visita até do juiz.

Abordado pelos filhos, que não compreendiam sua atitude, retrucou: como vou dizer que viajei, se não trouxe nenhum presente? É dizer que viajei e amanhã rodar o boato de que eu, o Coronel Basto, não sou mais aquele: que virei suvina, estou falido, eu conheço bem o meu rebanho. E se não mostro foto, aí danou-se, fico mesmo é de mentiroso.

EUGENIA MENEZES – TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS – VI CICLO DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas